

ARTEFATO DE PODER: O SIMBOLISMO DA ROUPA COM INFLUÊNCIA NA ESTÉTICA FETICHISTA

Artifact of power: The symbolism of clothing with influence on fetish aesthetics

Santos, Renata de Oliveira; Bacharela; Universidade Federal do Ceará,
r3santos@gmail.com¹

Basso, Aline Teresinha; Doutora; Universidade Federal do Ceará,
alinebasso@ufc.br²

Resumo: A moda imprime e direciona diferentes condutas a diversos grupos sociais, com isso, buscamos desenvolver pesquisa para buscar entender a relação entre moda, poder e BDSM. Seguindo assim, o sistema dentro da moda que faz a indumentária ser portadora do signo de poder através do seu uso em outras performances fora do meio das práticas do BDSM. Permitindo a construção de identidades dominadoras através da influência do vestuário fetichista em artistas brasileiras que cantam.

Palavras chave: Moda; Simbolismo; Poder.

Abstract: Fashion prints and directs different behaviors to different social groups, with this, we seek to develop research to seek to understand the relationship between fashion, power and BDSM. Following this, the system within fashion that makes the clothing bear the sign of power through its use in other performances outside the middle of BDSM practices. Allowing the construction of dominating identities through the influence of fetishist clothing on Brazilian artists who sing.

Keywords: Fashion; Symbolism; Power.

Introdução

A moda quando alia-se aos fetichismos derivados da cultura BDSM permite, até para quem não participa de suas atividades, aproximar-se da sensação psicológica de poder que a indumentária desperta em quem a usa. O BDSM possibilita que cada indivíduo assuma uma identidade e vivencie sua sexualidade, com suas fantasias e fetiches próprios, enquanto a moda como fenômeno social

¹ Graduada no curso de Bacharelado em Design Moda da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Iniciação Acadêmica da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE UFC.

² Orientadora. Doutora em Belas Artes na especialidade Desenho, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em Lisboa, Portugal (2020). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, UFPB/UFPE (2014). Pós-graduada em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo Senac (2011). Graduada em Tecnologia em Design de Interiores pelo CEFET-PB (2004). Atualmente é professora efetiva do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará - ICA/UFC. Atua na graduação em Design-Moda, na unidade de Linguagem Visual, é membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso e coordena projeto de iniciação à docência (PID) na área de desenho. Atua na extensão com projetos ligados à formação e à produção artística e coordena o Programa de Extensão Desenhando no Museu, em parceria com o Museu de Arte da UFC. Investigadora colaboradora no Grupo de Investigação em Desenho do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes - CIEBA, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa - FBAUL.

trata de dar significado simbólico a essa identidade.

Para este trabalho buscamos referências no mundo da moda, literatura, fotografias, música e de pesquisadores focados no estudo de poder, gênero, sexualidade, fetiche e moda. Nesse contexto, procuramos embasar esse apurado histórico com pesquisa bibliográfica e documental em revistas de moda, movimentos sociais, mídias sociais e sites.

1. O que é esse tal de BDSM

Para definir o acrônimo BDSM serão utilizados estudos de Margot Weiss, Bruno Zilli e Agni Shakti para detalharmos as principais definições e contexto histórico sobre a cultura BDSM.

O ato de compartilhar uma linguagem e definições de determinados grupos, como aponta Weiss (2011), faz com que o indivíduo dentro do grupo reconheça a si mesmo, seus desejos, práticas, estilo e suas peculiaridades e, no coletivo, o grupo também seja afirmado.

Weiss (2011) explica o BDSM como:

Os termos SM e BDSM são usados de forma intercambiável para denotar uma comunidade diversa que inclui aficionados por amarração, dominação/submissão, dor ou *sensation play*, troca de poder, *leathersex*, *role-playing*, e fetiches. A comunidade abraça uma larga variedade de práticas, de tipos de relacionamentos, e de papéis, que vão desde as práticas mais comuns (por exemplo, amarração por cordas ou *flogging*), para as menos comuns (plays com o tema do incesto ou plays nos quais um dos praticantes imita um pônei), e ainda assim todas essas variações são colocadas sob o termo guarda-chuva do BDSM. (WEISS, 2011, p. VII, tradução nossa³).

BDSM é uma sigla composta por três conjuntos de termos: *Bondage*⁴ e disciplina (B & D), dominação e submissão (D/s), e sadomasoquismo (SM). Como tal, é um termo que abrange

³ Livre tradução do original: “The terms SM and BDSM are used interchangeably to denote a diverse community that includes aficionados of bondage, domination/submission, pain or sensation play, power exchange, leathersex, role-playing and fetishes. The community embraces a wide range of practices, relationship types, and roles, ranging from the more common (for instance, rope bondage or flogging) to the less so (playing with incest themes or playing at being a pony), yet all of these variations fit under the umbrella term BDSM” (WEISS, 2011, p. VII). Os termos em itálico - “play”, “sensation play”, “leathersex”, “role-playing” e “flogging” - não foram traduzidos, uma vez que esses termos do BDSM são adotados por praticantes brasileiros sem tradução para o português. “Leathersex” ou “sexo com couro” se refere ao fetiche por tudo relacionado a, ou que inclua, objetos ou vestimentas revestidas em couro; “role-playing” ou “jogos de performance” se referem aos fetiches encenados (ex: aluno-professor, policial-criminoso, médico-paciente); “Flogging” ou ato de “açoitamento” com a utilização do flogger (chicote feito de couro ou com outros materiais para marcar a pele).

⁴ A tradução em inglês significa servidão, mas significa a prática de restrição física, como a utilização de algemas, cordas ou acorrentar alguém a algum objeto.

uma variedade de interesses e práticas sexuais. Algumas práticas são físicas (por exemplo, surras, açoites), algumas são psicológicas ou afetivas (por exemplo, cenários de punição, mestre/submisso, jogos de fantasia) e outros, como fetichismo ou servidão, pode ficar focado apenas em uma prática ou pode ser a combinação de várias.

As práticas dentro do BDSM são consentidas e desejadas por todos os participantes. Por estas razões, BDSM é diferente de não consensual, abuso ou agressão. Entre os adeptos e simpatizantes do BDSM, é amplamente divulgada a ideia da prática com três principais pilares para iniciação entre os envolvidos, o SSC, sigla para São, Seguro e Consensual, que coloca o consentimento no centro das práticas para que não sejam interpretadas como crime, abuso ou patologia. De acordo com Zilli (2007), existe um procedimento de segurança, a *safeword*⁵, normalmente é utilizada quando alguma ação cruza uma fronteira física, emocional ou moral e funciona como um código para que o acordo do SSC não seja quebrado e que os limites estabelecidos não sejam desrespeitados. Quando a *safeword* é ativada, seja ela uma palavra, gesto ou outro sinal, a ação deve ser interrompida ou sua frequência amenizada imediatamente enquanto outras podem ser utilizadas para sinalizar a vontade de continuar, mas a um nível reduzido de intensidade.

Até mesmo entre seus próprios adeptos o significado de BDSM é amplo. Para Shakti (2008, p.20) trata-se de “um conjunto de comportamentos e necessidades sexuais entre parceiros adultos, comumente denominados ‘sadomasoquismo’ ou ‘SM’, e que têm como adeptos pessoas de todas as opções sexuais”.

2. Moda, poder e BDSM

A origem da palavra moda deriva do termo em latim *modus*, como Garcia e Miranda (2005) explicam, que significa maneira, medida e modo, contudo foi a partir do século XIV que a expressão moda passou a ser fortemente aplicada no tema do vestuário. Para Svendsen (2010), definir o termo moda com exatidão é uma tarefa um tanto quanto difícil, mais especificamente no que se refere à vestimenta de maneira geral, e que é um princípio que se aplica à área do vestuário. Em uma definição mais atual, Lipovetsky (2009) reflete a moda como uma maneira singular e

⁵ Palavra de segurança. Disponível no link: <https://dombarbudo.com/guia/o-que-e-bdsm/material-didatico-010-palavra-de-seguranca-safe-word/>
Acessado em: 16/01/2022.

abrangente de mudança social, que independe de objetos, pois, antes de mais nada, a moda é um dispositivo social caracterizado por mudanças baseadas no ímpeto e que influenciam diversas camadas da vida coletiva.

Quando o termo moda entra em qualquer assunto, imediatamente pensa-se em roupas, e isso faz total sentido, uma vez que o vestuário é o símbolo maior do fenômeno moda. Entre os bens consumidos pelas pessoas, acessórios e roupas figuram lugar de destaque na vida desses consumidores. Como discorre Berlim (2012), os sentidos primários do ato de vestir, sempre estiveram relacionados ao pudor, a proteção e a ornamentação. Desta forma, a roupa ocupa um espaço de diferenciação entre os bens consumidos e fabricados, pois se configura também como uma importante plataforma para os indivíduos comunicarem sua individualidade e identidade.

Sendo assim, podemos conceituar moda como: “ethos das sociedades modernas e individualistas, que, constituído em significante, articula as relações entre os sujeitos sociais a partir da aparência e instaura o novo como categoria de hierarquização dos significados” (SANT’ANNA, 2007, p.88).

No qual, podemos dizer, que a moda comunica a maneira de pensar e viver do seu usuário. Além de comunicar também seu poder de compra, classe social, preferência política, religiosidade, estilo de vida, emoção e dentre outras coisas, ela é capaz também de permitir expressar sua sexualidade. Assim, podemos entender como o fenômeno BDSM também foi influenciado pelo sistema de moda e procurar encontrar o ponto em que se deu a introdução do traje para dominar e trazer à tona esse entendimento de poder através da vestimenta. Com levantamento histórico feito por Scofield (2019), sabemos que no final da década de 1910, mais precisamente em 1918, surgiu uma revista com temática fetichista voltada para o público BDSM, chamada *London Life* (Figura 1), na qual os adeptos e curiosos tinham as informações sobre os encontros e festas privadas. Depois, mais um marco social para o BDSM na mídia, a criação de outra revista voltada para esse público, a *Bizarre*, na qual seu conteúdo foi voltado para arte do Bondage, Dominação e Fetichismo. Mas foi somente após a Segunda Guerra Mundial que as práticas fetichistas ficaram conhecidas mundialmente. Principalmente com revistas, movimentos e até artistas *pin-up's*⁶, como Bettie Page (Figura 2), muito popular por seus filmes de *strip-tease*⁷ e imagens fetichistas muito

⁶ Modelos, em sua maioria mulheres, vistas em pôsteres, revistas e filmes exibindo suas formas voluptuosas de forma sensual nas décadas de 40,50 e 60.

⁷ Espetáculo em que uma pessoa se despe lenta e sugestivamente, geralmente com acompanhamento musical.

ligadas ao sadomasoquismo, em que podemos ver Bettie amarrada, recebendo palmadas eróticas ou atuando do outro lado, no papel de dominadora, de acordo com Leite Jr. (2000).

Figura 1: Páginas da Revista London Life.



Fonte: Revista London Life.⁸

Figura 2: Fotos feitas pelo fotógrafo Irving Klaw de Bettie Page.



Fonte: Revista Impure⁹.

⁸ <https://fethistory.blogspot.com/2018/01/charles-guyette-godfather-of-american.html> Acessado em 01/02/2022.

⁹ <https://www.impuremag.com/bettie-page-manicomio-ii/> Acessado em: 01/02/2022.

Ainda segundo Scofield (2019), um movimento protagonizado por ex-soldados homoafetivos¹⁰, o *Leather Pride* (Orgulho do couro), foi um dos grandes marcos da cultura BDSM. Eles possuíam o couro como bandeira e o sadomasoquismo como vivência social. Com isso, sabemos que os grandes divulgadores conhecidos pela grande mídia foram, primeiramente, homens homoafetivos e que queriam ser reconhecidos visualmente por outros simpatizantes do sadomasoquismo na sociedade. Brame, Brame e Jacobs (1996, p. 20, tradução nossa) analisaram essa premissa onde eles refletem que “para os homens gays de tendências sadomasoquistas, o militarismo oferecia uma emoção adicional: poder e disciplina dentro de uma estrutura autoritária”.

De acordo com Leite Jr. (2000), nos anos que se seguiram, a efervescência da contracultura dos anos 60 e a ideologia de liberdade sexual dos anos 70, contribuíram para a saída da cultura BDSM dos esconderijos e o movimento punk fortaleceu a estética e a radicalidade que o BDSM precisava para ganhar mais força na sociedade tradicional. A intenção era mostrar uma atitude e estilo de vida com hábitos, ideais, valores, corpos e roupas que enfrentavam com os aspectos corriqueiros da sociedade capitalista.

Nos anos 90, a cultura BDSM encontrava-se em uma crescente escalada com o aumento de casas e clubes sadomasoquistas, ganhando assim mais visibilidade e espaços sociais. A chegada da internet fez com que o BDSM se popularizasse com maior rapidez.

O surgimento de plataformas de interações sociais e grupos de discussões sobre o tema fomentaram o aumento de interessados em desvendar o BDSM e experimentá-lo, mesmo que virtualmente. A internet ajudou a unir com mais facilidade e privacidade aqueles que querem experimentar alguma prática do BDSM.

Com a liberdade sexual da década de 60, as mulheres conseguiram ter um pouco mais de autonomia em suas decisões. A mulher contemporânea começou a ver algumas possibilidades de escolhas e percebeu que as roupas poderiam contribuir para a construção dessa nova etapa onde ela sentia-se mais atuante socialmente e sexualmente. Piscitelli, Gregori e Carrara (2004) consideram que essas conquistas da mulher perante a sociedade representaram um marco na recusa da mulher a relacionar seu sexo e sua sexualidade sempre no papel de subordinada.

Assim sendo, devemos entender como a roupa estimulou a tomada de poder da mulher nas relações, especificamente trataremos aqui do poder dela nas relações onde a dominação é o foco.

¹⁰ Adjetivo que qualifica uma pessoa que gosta e sente atração por pessoas do mesmo sexo.

Foucault (2006) defende que não devemos nos perguntar o que é o poder ou de que lugar ele vem, mas sim como ele é exercido de fato:

O poder não pertence nem a alguém nem, aliás, a um grupo; só há poder porque há dispersão, intermediações, redes, apoios recíprocos, diferenças de potencial, defasagens, etc. É nesse sistema de diferenças, que será preciso analisar, que o poder pode se pôr em funcionamento. (FOUCAULT, 2006, p. 7)

A roupa na cultura BDSM é usada como um “artefato de poder”, algo que confere habilidades especiais aos que a usam. De acordo com Fernandes (2006) que cita Lurie (1997):

As roupas sobrenaturais dos contos populares europeus – as botas de sete léguas, o manto da invisibilidade ou os anéis mágicos – não foram esquecidas, apenas transformadas, de modo que hoje temos o track star que só consegue vencer uma corrida com um determinado chapéu ou calçado, o policial à paisana que acha que ninguém o vê quando usa a capa de chuva, ou a mulher casada que tira a aliança antes de ir ao motel com o amante (LURIE, apud FERNANDES, 2006, p. 97).

Lipovetsky (2009) confirma o poder que está embutido no fenômeno moda e fetiche, quando ela passa de enfeite ou acessório à sua base fundamental. Ele afirma que “[...] a moda está no comando de nossa sociedade; a sedução e o efêmero tornaram-se os princípios organizadores da vida coletiva moderna” (LIPOVETSKY, 2009, p.13). Simmel (2014, p. 34-35) reforça esse pensamento quando discorre que “[...] de facto, é quase um sinal do poder intenso da moda que ela, em vez dos seus domínios originários, das exterioridades do vestir-se, arraste cada vez mais para a sua forma mutável também o gosto, as convicções teóricas e até os fundamentos morais da vida”. Com esses fatores podemos afirmar que o dispositivo da moda, central ou não nas sociedades contemporâneas, mostra-se produtivo e eficiente ao espalhar seu poder por diversas áreas, algumas até então impensáveis de serem influenciadas.

Para Steele (1997, p. 200), a “crescente popularidade de modismos fetichistas dentro da cultura em geral está diretamente relacionada ao carisma do desvio. Mal, rebelião, perigo exercem forte apelo emocional”. Deste modo, vermelho, preto, couro, borracha, botas, saltos altíssimos, látex, botas altas, catsuits, roupas íntimas como roupa de sair e espartilhos, por exemplo, suscitam questões de gênero que ora afirmam a submissão e a tortura, ora destacam a potência e a dominação. E se as identidades são formadas por construções culturais, a moda, sem dúvida, faz a

sua parte.

Steele (1997) ainda relata que o uso de temas fetichistas tem sido cada vez mais incorporado à moda. Coleções de grandes estilistas como Thierry Mugler, Azzedine Alaïa, John Galiano, Gianni Versace, Jean-Paul Gaultier, Vivienne Westwood, entre outros, adotaram o estilo e o espírito do fetichismo em suas peças alcançando sucesso de público e crítica, dessa forma, colaborando na dissociação do BDSM a perversões sexuais. Nos dias de hoje, as práticas secretas têm se tornado cada vez mais visíveis em toda a parte na cultura popular.

No Brasil, Luíza Sonza (Figura 3), Pablllo Vittar (Figura 4), Gloria Groove (Figura 5) e Anitta (Figura 6) são exemplos de artistas que utilizam dessa estética na construção de suas personas fortes, sensuais e empoderadas. Em seus shows, apresentações televisionadas, clipes musicais¹¹ ou até mesmo para campanhas publicitárias, muitas vezes recorrem a peças em couro, vinil ou látex, ou que tenham relação visual com o BDSM, como espartilhos, chicotes, sapatos de salto alto e atitude dominadora, para reforçar essa imagem e assim intensificam o simbolismo do poder em suas identidades artísticas.

Figura 3: Artista Luíza Sonza se apresentando com danças sensuais em roupa fetichista.



Fonte: Instagram da artista¹²

¹¹ Vídeo curto usado para mostrar e para promover uma música, cantor, filme, grupo, empresa, trabalho artístico etc.; videoclipe. Disponível no link: <https://www.dicio.com.br/clipe/> Acessado em 10/08/2022.

¹² https://www.instagram.com/p/CYDCunhsR_8/ Acessado em 02/02/2022.

Figura 4: Artista Pablo Vittar no set de gravação do seu clipe em 2022.



Fonte: Instagram da artista¹³

Figura 5: Artista Gloria Groove preparada para seu show com traje fetichista.



Fonte: Instagram da artista.¹⁴

¹³ <https://www.instagram.com/p/CW4cErrr-pY/> Acessado em 02/02/2022.

¹⁴ <https://www.instagram.com/p/CZXsnHnugUM/> Acessado em 02/02/2022.

Figura 6: Artista Anitta usa look fetichista em campanha para lançamento de seu perfume íntimo.



Fonte: Instagram da artista.¹⁵

Não há como negar que as peças feitas em couro carregam signos de beleza, fetiche e sensualidade. Artistas apoderam-se desse visual para mandar mensagens de poder e dominação sobre sua imagem. A indumentária sempre deteve o poder de identificar e mostrar as posições ocupadas pelos sujeitos históricos e seus papéis sociais. Hollander (1996, p. 17) afirma que "na moda moderna, a sexualidade das roupas é a sua primeira qualidade; as roupas dirigem-se em primeiro lugar ao eu de cada pessoa, e somente depois ao mundo".

Considerações Finais

Com esse estudo, podemos refletir que a estética fetichista do século XXI é utilizada para desconstruir padrões de comportamento de gênero e como forma de representação política e identitária. A indumentária entrega força a essa artista e reflete a evolução do traje da dominação.

¹⁵ <https://www.instagram.com/p/ChDWRYOAi0/> Acessado em 10/08/2022.

Essa construção comunica liberdade, aceitação e domínio dos seus desejos. Para obter esse poder dentro do BDSM a indumentária não pode ser retirada da prática e esta sai do privado para ganhar adeptos pela cultura popular.

Os processos históricos, sociais e culturais de fabricações de significados para as sexualidades encontrarão nas roupas e na moda amparo para as modelagens dos indivíduos. Com isso, a moda sai do seu lugar de apenas funcional para ser reconhecida como meio de emancipação do ser. Artistas apropriam-se da imagem da persona dominante para encantar seu público e passar a imagem de pessoas muito bem resolvidas com sua sexualidade e, com seu poder de influência, levantam questionamentos e criam novos comportamentos. Esse ritual de “colocar a roupa para dominar” permite entendermos a forte ligação entre o indivíduo e os mecanismos simbólicos da moda, onde a percepção do outro e dele próprio conseguem se alinhar a uma identidade. Assim, podemos perceber que a indumentária tem o poder de comunicar e construir personas fetichistas, mesmo que seja apenas para um vídeo musical ou um show de algumas horas. O pertencimento simbólico do poder encontra-se naqueles momentos de uso das peças e fortalece sua narrativa perante o coletivo.

Referências

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade: uma reflexão necessária**. São Paulo: Estação das Letras, 2012.

BRAME, Gloria G.; BRAME, William D.; JACOBS, Jon. **Different loving: The world of sexual dominance and submission**. Nova Iorque: Villard Books, 1996.

FERNANDES, Fábio. **A construção do imaginário cyber: William Gibson, criador da cibercultura**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martin Fontes, 2006.

GARCIA, C; MIRANDA, A.P. de. **Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.



LEITE JR., Jorge. **A cultura S&M**. 2000. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda, 2004. p. 340.

SANT'ANNA, Mara Rubia. **Teoria da Moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri, Estação das Letras, 2007.

SCOFIELD, Laura. **BDSM para baunilhas**. Jornalismo Júnior, 2019. Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/bdsm-para-baunilhas/>>. Acesso em: 12/01/2022.

SHAKTI, Agni. **Dicionário de fetiches e BDSM**. Rio de Janeiro: Idéia e Ação, 2008. SIMMEL, Georg. **Filosofia da Moda e outros escritos**. 2ª edição. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2014.

STEELE, Valerie. **Fetice: moda, sexo e poder**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

SVENDSEN, L. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

WEISS, Margot. **Techniques of pleasure**. Duke University Press, 2011.

ZILLI, Bruno. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.